

PATRÍCIA GALVÃO (PAGU): HISTÓRIA E LITERATURA EM 'PARQUE INDUSTRIAL' (1933)

PATRÍCIA GALVÃO (PAGU): HISTORY AND LITERATURE IN 'PARQUE INDUSTRIAL' (1933)

João Alberto da Costa Pinto *
joaoacpinto@ufg.br

RESUMO: O artigo analisa a obra *Parque industrial*, de Patrícia Galvão (Pagu), de 1933, destacando sua relevância histórica nas relações de trabalho e lutas políticas das trabalhadoras têxteis em São Paulo. O livro tornou-se um marco no neorrealismo brasileiro ao revelar as condições de trabalho, vida social e engajamento político das mulheres na era industrial paulistana. A pesquisa baseou-se na análise documental do romance e em fontes primárias e secundárias. Correlaciona representações literárias com a realidade histórica, revelando percepções valiosas de Pagu sobre a vida das mulheres trabalhadoras, na indústria têxtil paulistana. O texto conclui que *Parque industrial* assume relevância como um testemunho das condições de vida e trabalho feminino, enriquecendo a compreensão da história social e política do Brasil na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Patrícia Galvão (Pagu); Intelectual Dissidente; História e Literatura.

ABSTRACT: The article analyzes the work 'Parque Industrial' by Patrícia Galvão (Pagu), from 1933, highlighting its historical significance in the labor relations and political struggles of textile workers in São Paulo. The book became a milestone in Brazilian neorealism by revealing the working conditions, social life, and political engagement of women in São Paulo's industrial era. The research relied on the documentary analysis of the novel and primary and secondary sources. It correlates literary representations with historical reality, unveiling valuable insights from Pagu about the lives of working women in the textile industry of São Paulo. The text concludes that 'Parque Industrial' assumes relevance as a testimony to the living and working conditions of women, enriching the understanding of Brazil's social and political history in the first half of the 20th century.

KEYWORDS: Patrícia Galvão (Pagu); Dissident Intellectual; History and Literature

Introdução

Este artigo tem um propósito: reiterar a divulgação da trajetória política e a literatura de Patrícia Galvão (Pagu) que cada vez mais tem sido objeto de análise em artigos e livros¹.

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). É Professor Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG), nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Na área de História, tem atuado principalmente com temáticas ligadas às áreas de Historiografia Brasileira e História da África Contemporânea.

¹ Destacam-se os trabalhos de Guedes (2003), Jackson (2011 e 2014), Costa (2012), Campos (2014), Mattos (2010), Ribeiro Júnior (2018), Rocha & Lana (2018) e Armony (2022). Não é propósito deste artigo apresentar uma exaustiva revisão da literatura já publicada sobre a obra e trajetória de Pagu; dialogamos com algumas das mais importantes referências com o propósito de apresentarmos uma análise do livro *Parque Industrial* sob a perspectiva de ser um documento seminal para a compreensão das lutas sociais do proletariado brasileiro da década de 1930.

Por exemplo, da atuação de Lúcia Maria Teixeira Furlani², que coordena o Centro de Estudos Pagu da Universidade Santa Cecília (UNISANTA) da cidade de Santos, SP, temos a notícia de que escritos inéditos de Pagu estão sendo preparados para publicação reunindo acervo da escritora coligido em mais de três mil documentos que estão arquivados no Centro de Estudos³. Essas e outras publicações foram recentemente destacadas por Lúcia Teixeira na Feira Literária FLIP de 2023, por ocasião dos 90 anos do livro *Parque Industrial* organizados em homenagem à escritora, e essa efeméride também justifica a proposta deste artigo.

Neste artigo é apresentada uma descrição do percurso biográfico-político de Pagu, analisando-se e circunstanciando-se os conteúdos políticos do livro *Parque Industrial* que dão centralidade à sua trajetória. O livro tornou-se um marco referencial da *literatura engajada* brasileira da década de 1930 num momento em que a *intelligentsia* apresentava novos paradigmas explicativos para o processo histórico de organização do capitalismo brasileiro. Ao longo do artigo justificaremos a historicidade desse marco literário. Enfim, *Parque Industrial* que já foi traduzido para o inglês⁴ e o francês⁵ é aqui apresentado como expressão maior da visão de mundo proletária da escritora. Pagu nesta perspectiva é uma expressão do máximo de consciência possível dos trabalhadores comunistas que na década de 1930 lutavam pela sua auto-organização como classe. *Parque Industrial* é, portanto, além de um significativo marco literário, um documento maior da historiografia das lutas sociais do Brasil contemporâneo e isso, por si só, justifica a permanente necessidade de a historiografia brasileira divulgar e reiterar para a sua comunidade de leitores a historicidade da literatura e da trajetória política de Patrícia Galvão.

Patrícia Galvão, uma Trajetória Intelectual Radical

Patrícia Galvão nasceu em 1910, em São João da Boa Vista, uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo. Em 1925, aos quinze anos, já residindo no Bairro do Brás da cidade de São Paulo, frequentava não apenas a Escola Normal da Capital (Praça da República)

² Autora que conjuntamente com Geraldo Galvão Ferraz organizou a publicação de uma importante fotobiografia de Pagu (Furlani & Ferraz, 2010).

³ Notícias sobre os trabalhos e as publicações organizadas pelo Centro de Estudos Pagu (UNISANTA) podem ser consultadas neste site: www.pagu.com.br/noticias/.

⁴ Em inglês: *Industrial Park* (1993), que tem como um dos tradutores Kenneth David Jackson (autor de vários estudos sobre Pagu). Consultar: <https://www.nebraskapress.unl.edu/nebraska/9780803270411/industrial-park/>.

⁵ Sobre a tradução em francês consultar: <https://www.pagu.com.br/noticias/parque-industrial-e-publicado-na-franca/>.

mas também o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde foi aluna de Mário de Andrade. Nesse período, utilizando o pseudônimo "Patsy", publicou algumas crônicas para o *Brás Jornal*. Raul Bopp, figura proeminente da cultura modernista paulista, apelidou a jovem escritora de "Pagu"⁶. Foi através de Bopp que Pagu conheceu Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral em 1928 – ano em que concluiu o curso de magistério. Pagu teve um relacionamento amoroso com Oswald de Andrade quando ele ainda estava casado com Tarsila do Amaral (separaram-se em 1929)⁷. Por conta de uma suposta gravidez, Pagu casou-se, em um casamento arranjado, com o pintor Waldemar Belisário, amigo próximo do casal Tarsila e Oswald. O casamento, ocorrido em 28 de setembro de 1928, foi anulado alguns meses depois. Pagu casou-se com Oswald de Andrade e, em setembro de 1930, tiveram um filho: Rudá de Andrade (Campos, 2014; Rocha & Lana, 2018)⁸.

Pela sua participação na *Revista de Antropofagia* em 1929, veículo da esquerda modernista, Pagu tornou-se um nome relevante nas páginas culturais da imprensa nacional, atuando como poeta e ilustradora (quadrinhos e *cartuns*). Em 1931, ela se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, durante algumas semanas, coeditou com Oswald de Andrade o periódico *O Homem do Povo*, impresso em São Paulo. Além de ser chargista e cronista, Pagu também era responsável pela seção A Mulher do Povo. No entanto, o jornal foi violentamente empastelado pela reação agressiva dos estudantes da Faculdade de Direito de São Francisco. Devido aos eventos envolvendo os estudantes e a subsequente intervenção policial, o jornal foi proibido de circular⁹. Meses depois, ela viajou sozinha para Buenos Aires, onde conheceu figuras importantes da esquerda local, responsáveis pela organização da revista *Sur*, como Victória Ocampo e o escritor Jorge Luís Borges (que a assediou sexualmente¹⁰). Astrojildo

⁶ O apelido criado por Bopp apareceu publicado no poema "Coco de Pagu" publicado em 1928 na revista *Para Todos* (Rocha & Lana, 2018).

⁷ Mary Del Priori, em seu ensaio biográfico sobre a trajetória de Tarsila do Amaral, descreve a situação constrangedora provocada por Oswald de Andrade. Quando ainda casado com Tarsila, ele já mantinha um relacionamento com a jovem Pagu (Del Priori, 2022).

⁸ O casamento teve uma cerimônia no mínimo curiosa: foi realizado em 5 de janeiro de 1930 num cemitério junto ao jazigo da família de Oswald de Andrade (<https://www.pagu.com.br/cronologia/>)

⁹ O jornal *O Homem do Povo* teve apenas oito números publicados, entre março e abril de 1931. Considerado um "insolente papelucho" pela imprensa conservadora, em 9 de abril, suas instalações na Praça da Sé, na cidade de São Paulo, foram invadidas por dezenas de estudantes da Faculdade de Direito. Isso resultou em um conflito envolvendo a polícia, que foi acionada para intervir na luta corporal entre Pagu e Oswald contra os estudantes. Pagu assinava seus artigos utilizando pseudônimos como Irmã Paula, G. Léa e K. B. Luda (Cf. Campos, 2014, p. 132 e 147-151, Costa, 2012, p. 28 e Jackson, 2011, p. 34).

¹⁰ Pagu relata que os assédios sexuais eram constantes em sua vida: "Sempre fui vista como um sexo. E me habituei a ser vista assim" (Galvão, 2020, p. 125).

Pereira, o lendário fundador do PCB, esteve com ela em Buenos Aires. A viagem de Pagu tinha o propósito de entregar uma carta do partido a Luís Carlos Prestes. No entanto, eles só se encontraram algum tempo depois em Montevideu, no Uruguai, onde mantiveram contato por três dias. Esses encontros deixaram Pagu profundamente admirada pelas sinceras convicções que percebeu naquele que se tornaria, nas décadas seguintes, o maior líder comunista brasileiro.

Convencida a militar de forma definitiva nos quadros de base do PCB, em agosto de 1931, Pagu parte para a cidade de Santos. Durante uma manifestação de rua, organizada pelos estivadores do cais de Santos em homenagem a Sacco e Vanzetti¹¹, ela presencia o camarada Herculano de Souza, principal liderança do PCB na cidade e que a impressionara profundamente com sua militância, sendo baleado pela repressão policial e vindo a falecer em seus braços. Nessa ocasião, Pagu ficou presa por várias semanas¹². Em consequência deste incidente, o PCB a obrigou a assinar um documento que eximia o partido dos eventos que levaram à sua prisão, acrescentando que ela se reconhecia como uma "agitadora individual, sensacionalista e inexperiente". Esse episódio teria sido o primeiro de muitos desencontros que teve com o partido (Campos, 2014, p. 426-427).

Semanas depois, Pagu conseguiu escapar da prisão, e o partido a enviou clandestinamente para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como ajudante no Cine Broadway, na função de "vaga-lume" (lanterninha). Nessa época, ela participou das reuniões do partido e foi uma das responsáveis pela segurança de seus militantes. Foi durante esse período de militância no Rio de Janeiro que Pagu escreveu o romance *Parque industrial*, concluído no final de 1932. Com a ajuda financeira de Oswald de Andrade, ela publicou o livro em 1933, mas o PCB não lhe autorizou a usar o próprio nome, optando pelo pseudônimo de Mara Lobo.

No final de 1933, Pagu embarcou em uma longa jornada internacional, supostamente como correspondente de vários periódicos¹³. Viajando sozinha, foi de navio para os EUA, onde

¹¹ O caso Sacco e Vanzetti, amplamente conhecido em todo o mundo, está relacionado à prisão, em 1921, de dois anarquistas italianos acusados, sem nenhuma evidência, de terem participado do saque a uma fábrica de sapatos em Massachusetts, EUA. Eles foram executados na cadeira elétrica, em agosto de 1927. Esse episódio é reconhecido como um dos mais significativos erros judiciais do século XX.

¹² Esta foi a primeira de muitas prisões. Ao longo da sua vida, Pagu foi presa em 23 ocasiões (Armony, 2022).

¹³ Augusto de Campos afirma que Pagu fez essa viagem como correspondente internacional dos jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro, e do *Diário da Noite*, de São Paulo (Campos, 2014). Contudo, não encontramos nenhum artigo publicado nesses jornais, seja durante ou após a viagem. Em sua

ficou por várias semanas em New Orleans, na Luisiana, e em Galveston, na Califórnia. Em seguida, dirigiu-se ao Japão, mais precisamente à Yokohama, onde seu entusiasmado amigo Raul Bopp exercia o cargo de cônsul. Bopp teria ajudado a saldar as dívidas dessa sua viagem.

De navio embarcou para a China e de lá seguiu viagem de trem atravessando a Manchúria e percorrendo a rota transiberiana pela URSS até Moscou, onde permaneceu por vários dias. Continuou a viagem passando rapidamente pela Alemanha e estabeleceu-se em Paris. Frequentou a Universidade Popular e foi aluna de Georges Politzer e Paul Nizan. Foi detida em Paris devido ao seu envolvimento numa das manifestações de rua da *Frente Popular*, resultando no decreto do governo francês para sua deportação à Alemanha nazista. Fugiu da prisão antes que a deportação fosse efetivada e passou a viver clandestinamente na França mais alguns meses. Com a intervenção decisiva do embaixador brasileiro Souza Dantas, que intercedera a seu favor contra a sua deportação para a Alemanha, conseguiu regressar ao Brasil, em 1935¹⁴.

Essa jornada representou para Pagu um ponto de virada existencial, diante da angústia que sentiu ao testemunhar a fome e a miséria de crianças nas ruas de Moscou, enquanto a burocracia stalinista desfrutava de hotéis luxuosos¹⁵. Esse momento definiu de maneira decisiva o seu comprometimento com a oposição trotskista. Ao retornar ao Brasil, ela

"autobiografia precoce", publicada postumamente em livro (Galvão, 2020), uma longa carta escrita em 1940 para seu marido, Geraldo Ferraz, Pagu descreve detalhadamente essa jornada, mas não menciona artigos redigidos durante o percurso e enviados a esses jornais. Tampouco, não há referência a um suposto encontro com Freud em um trem na China, conforme descrito por Augusto de Campos (Campos, 2014). Márcia Costa (2012), em seu livro sobre Pagu, afirma que Freud jamais teria feito tal viagem e que esse encontro nunca teria ocorrido. Ressalte-se, contudo, que Geraldo Ferraz, então diretor de redação do *Diário da Noite*, ao fazer menção a essa viagem de Pagu, afirma que "várias de suas correspondências passaram por minhas mãos" (Ferraz, 1983, p. 112).

¹⁴ Pagu chegou a Paris vindo da Alemanha, o que explicaria a deportação para esse país. Na França, sob o pseudônimo de Leonie Boucher, conheceu André Malraux, durante uma manifestação de rua da Frente Popular. Malraux já era reconhecido como um dos grandes escritores existencialistas. Vale notar que a deportação de Pagu foi determinada em razão da sua prisão, devido à distribuição de panfletos, em 26 de agosto de 1934. Conseguindo escapar, Pagu desapareceu da esfera pública por várias semanas, graças à ajuda de Elsie Houston, uma famosa cantora lírica casada com o escritor Benjamin Péret, conhecido dos modernistas brasileiros por sua colaboração para a *Revista Antropofágica*. Pagu era amiga desse casal desde 1928, quando estiveram no Brasil. Adriana Armony, que consultou os arquivos da polícia francesa, relata que o retorno de Pagu ao Brasil ocorreu em 27 de setembro de 1935 quando embarcou num navio em Havre e chegou ao Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1935 (Cf. Costa, 2012, p. 27; Campos, 2014, p. 345 e Armony, 2022, p. 65 e 105).

¹⁵ Em sua autobiografia, Pagu descreve um encontro com um oficial do Exército Vermelho (Bóris) que teria ocorrido no Hotel Metropol, a quem ela levava uma carta de recomendação. Sobre esse encontro, Pagu faz o seguinte relato: "Surpreendeu-me o preparo luxuosíssimo da refeição. (...) A impressão era exatamente a de estar num suntuoso palácio capitalista, onde os garçons enriquecem com as gorjetas. Boris dava-me todas as explicações. O Metropol era uma fonte de renda como qualquer outra, mas não explicou por que residia lá, dizendo apenas ser necessário" (Galvão, 2020, p. 136).

imediatamente se envolveu com o movimento aliancista e passou a escrever para o jornal *A Platéia*, de São Paulo (Costa, 2012). Durante o levante comunista, de novembro de 1935, Pagu foi detida e condenada a dois anos de prisão no Rio de Janeiro, mas, novamente, conseguiu escapar, em 1937, antes do cumprimento integral da pena (Ferraz, 1998).

Pagu, em colaboração com Mário Pedrosa e Hilcar Leite, desempenhou um papel vital na organização do Partido Operário Leninista (POL). Durante a montagem do Comitê Regional do Rio de Janeiro do POL, que estaria sob sua direção em 1938, Pagu, utilizando o pseudônimo Maria Magalhães, foi capturada e detida juntamente com outros seis militantes. Ela resistiu à prisão em um confronto armado com a polícia, a foto de todos os detidos foi capa de jornal¹⁶.

Em sua autobiografia, Pagu afirma que os jornais sempre buscavam desmoralizar sua militância devido à sua condição de mulher e intelectual pequeno-burguesa, “com motivos escandalosos em torno de minha pessoa”. Ela justifica essa situação como sendo “realmente a primeira comunista presa e, no Brasil, isso era assunto a ser explorado, principalmente em não se tratando de uma operária” (Galvão, 2020, p. 63)¹⁷.

No ano de 1942, Pagu colaborou ativamente com o jornal *Diário da Noite*, sob a direção do escritor Menotti Del Picchia, publicando mais de uma centena de crônicas sob o pseudônimo de Ariel (Costa, 2012, p. 32 e Jackson, 2011, p. 34). Da sua significativa experiência jornalística na década de 1940 também se destacou o seu engajamento ao lado de Mario Pedrosa e outros em 1945 com o projeto editorial do jornal *Vanguarda Socialista*¹⁸.

¹⁶ *O Jornal*, um periódico do Rio de Janeiro, no dia 23 de abril de 1938, além da foto dos detidos publicou uma extensa reportagem de capa intitulada “Importante Célula do Partido Operário Leninista Destruída”, mencionando que o grupo liderado por Pagu fora capturado em um “apartamento da rua Montenegro, nº 243, alugado por Odila Nigro para servir de ponto de reunião dos comunistas”. No local, “além de um mimeógrafo de tipo moderníssimo”, a polícia encontrou uma grande quantidade de “materiais de propaganda trotskista”. Consulta disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=Patr%c3%adcia%20Galv%c3%a3o%20Pagu&pagfis=44474. Acesso em 16 de maio de 2023. Referências a outros jornais que deram destaque a esse acontecimento podem ser encontradas em Rocha & Lana (2018).

¹⁷ Importa registrar que várias outras mulheres engajadas na militância comunista brasileira já haviam sido presas nas décadas de 1920 e 1930. Foi o caso, por exemplo, de Laura Brandão, esposa de Octávio Brandão, professora e poeta (amiga de Tarsila do Amaral e Nise da Silveira), que teve uma trajetória marcada por prisões e exílio. Laura faleceu praticamente sozinha durante seu exílio na URSS, em 1942, na remota cidade de Ufá, nos Urais, onde se refugiara devido ao ataque nazista a Leningrado e Moscou. Laura sucumbiu a um câncer. Para mais informações sobre a trajetória de Laura Brandão, consulte-se o livro de Maria Elena Bernardes (2007).

¹⁸ Em sua coluna de crítica literária, entre 31 de agosto de 1945 e 24 de maio de 1946, Pagu publicou vinte e seis artigos (Jackson, 2011, p. 34). Nesses textos, além de discutir outros temas, ela criticou a abordagem hagiográfica de Jorge Amado sobre Prestes em seu livro *O cavaleiro da esperança*. Pagu também produziu uma série de artigos sobre Victor Serge, possivelmente os primeiros no Brasil dedicados a esse bolchevique dissidente, um escritor “muito admirado por Patrícia” (Campos, 2014, p. 184).

Nesse mesmo ano, em coautoria com Geraldo Ferraz, escreveu um romance de título: *A famosa revista*¹⁹. Também foi autora de contos policiais (*Pulp fiction*) para a revista *Detective*, dirigida por Nelson Rodrigues.²⁰ Além disso, foi colunista de cultura em diversos jornais e realizou trabalhos de tradução, principalmente do francês, incluindo a tradução da peça *A cantora careca*, do dramaturgo romeno Eugene Ionesco. Pagu era uma grande entusiasta desse autor e teve a oportunidade de o entrevistar em 18 de setembro de 1960 quando esteve no Brasil divulgando a sua obra mais famosa: *O rinoceronte*. Além de traduzir também publicou diversos artigos sobre a literatura e o teatro do absurdo de Ionesco (Campos, 2014; e Ferraz, 1998). Também em 1960, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir estiveram no país em estadia de dois meses, Pagu os entrevistou em um encontro organizado pela atriz Cacilda Becker (Costa, 2021).

Em 1954, ao lado de seu marido, Geraldo Ferraz, Pagu mudou-se para a cidade de Santos, localizada no litoral norte de São Paulo. Foram trabalhar para o jornal *A Tribuna*. Galvão Ferraz assumiu a chefia de redação e Pagu contribuiu com a escrita de centenas de artigos em diversas colunas fixas, especialmente dedicadas à literatura e ao teatro. Ela traduziu para o jornal artigos e trechos de obras de escritores como Fiodor Dostoiévski, Franz Kafka, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, André Malraux, Lawrence Durrell, Paul Valéry, André Breton, entre outros. Em algumas edições diárias do jornal assinava dois ou três artigos sob pseudônimos, como Gim, Pat e Mara Lobo. Pagu foi uma das primeiras colunistas no Brasil a abordar a programação televisiva na coluna intitulada "VIU? VIU? VIU?" (Rocha & Lana, 2018). Em 1957, sob sua coordenação, o jornal passou a publicar um suplemento dominical de cultura, composto por trinta páginas, que se tornou um marco cultural de grande relevância para a cidade (Costa, 2012, p. 46-49).

¹⁹ Geraldo Ferraz afirma que decidiu redigir esse livro, em conjunto com Pagu, para confrontar o PCB, "essa grande patranha nacional e internacional, que, cada um de um lado, bem conhecíamos" (Ferraz, 1983, p. 122). O manuscrito foi rejeitado por algumas editoras, inclusive pela editora José Olympio, cujo leitor-editor, Álvaro Lins, justificou aos autores a recusa da publicação, alegando que naquele momento uma crítica ao PCB e à URSS seria inadequada (Ferraz, 1983, p. 126).

²⁰ Sob o pseudônimo de King Shelter, em 1944, Pagu publicou nove contos nessa revista. A revista costumava editar traduções de Agatha Christie, Rex Stout, Dashiell Hammett, entre outros autores de grande prestígio internacional. Os contos de King Shelter alcançaram grande sucesso. No sumário da edição número 207 (1944), o editor Nelson Rodrigues escreveu: "King Shelter é uma das atrações de *Detective*. As suas histórias, pelo movimento e colorido, prendem fortemente a atenção dos leitores" (*Apud* Ferraz, 1998, p. 08). Posteriormente, os nove contos foram republicados em livro com o título: *Safrá macabra: contos policiais* (Galvão, 1998).

Com fortes laços no cenário teatral de São Paulo e do Rio de Janeiro, Pagu também desempenhou um papel essencial na organização do 2º Festival Nacional de Teatro, em Santos. As atividades tiveram início em 10 de julho de 1959, permitindo-lhe interagir e impulsionar as carreiras de jovens atores e atrizes, incluindo nomes como José Celso Martinez Correia e Plínio Marcos, este último tornou-se um amigo íntimo. O festival contou com a participação de mais de mil atores e atrizes de diversas partes do país, apresentando dezenas de peças de autores renomados, como Nelson Rodrigues, Bertolt Brecht, Eugene O'Neill, Bernard Shaw, entre outros.

Pagu faleceu em 12 de dezembro de 1962, aos cinquenta e dois anos, devido a um câncer no pulmão. Sua trajetória representa um marco fundamental na saga das lutas feministas no Brasil, demarcando-se como uma das mais inovadoras e influentes intelectuais brasileiras do século XX. Pagu sempre se posicionou como uma dissidente comunista, erguendo-se como uma figura essencial na história das lutas políticas da militância comunista e anticapitalista.

A jornada de Pagu é um mosaico denso e multifacetado que, por meio de sua expressão estético-literária, é tida como um exemplo tardio da cultura modernista originada na Semana de Arte Moderna, em 1922. Após delinear alguns dos aspectos mais marcantes da trajetória política e literária de Pagu, a seguir, apresentamos uma análise da sua obra de 1933, *Parque industrial*, no contexto do neorrealismo literário brasileiro dos anos 1930.

Parque industrial (1933), um Romance Proletário e Feminista

Conforme mencionado, a burocracia controladora dos líderes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) não permitiu que Pagu publicasse o livro com seu nome. Lançado em 1933 sob o pseudônimo Mara Lobo, *Parque industrial* é uma peça literária breve composta por capítulos curtos, num formato similar ao de crônicas que retratam quadros do cotidiano sob um expressionismo fortemente anticapitalista. Trata-se de um contundente romance proletário, escrito por uma jovem de 22 anos²¹.

²¹ Thelma Guedes em um estudo exemplar sobre a obra, descreve-a como uma “reportagem”, um “panfleto” e um “experimento literário” (Guedes, 2007, p. 66-69). Kenneth David Jackson (2014) destaca a singularidade do livro “entre os romances sociais dos anos 30 devido a sua perspectiva urbana e proletária; trata-se de um romance marxista e feminista que critica e retrata os problemas humanos do desenvolvimento industrial” (*Apud* Campos, 2014, p. 377).

Pela experimentação estilística e sua natureza publicística, o texto apresenta em muitos trechos descrições panfletárias enfáticas. Pagu escreveu essa obra com o intuito de ser lida pelos trabalhadores, podendo ser interpretada, numa leitura superficial, como uma expressão literária do que a URSS stalinista começava a padronizar como realismo soviético – o realismo socialista, conforme a agenda imposta por Zdanov, no início da década de 1930, para a literatura comunista (Strada, 1987[b]).

O livro de Pagu é um romance experimental de perspectiva feminista e proletária, representando um trabalho de imaginação intelectual único para sua época, como ressaltou João Ribeiro em uma resenha logo após a publicação²². Geraldo Ferraz afirmou que *Parque industrial* se configura como o “primeiro romance social, político, focalizando a cidade, o meio proletário paulista”, caracterizando-o como um “panfleto rude, corajoso, mas *primário*, o que lhe foi perdoado pelo elogio de João Ribeiro” (Ferraz, 1983, p. 106). Contrariando a afirmação de Ferraz o livro jamais poderia ser rotulado como *primário*, é o que tentaremos demonstrar a seguir.

Trata-se de uma obra que deve ser sempre vista como um documento historiográfico de extrema importância para o estudo das lutas dos trabalhadores urbanos na cidade de São Paulo, considerada a maior cidade industrial da América Latina. Em uma rápida comparação, o estilo literário do livro se aproxima da cultura proletária que, nos primeiros anos da Revolução Russa, esteve associada às práticas do movimento *Proletkult*²³ e ao experimentalismo dramatúrgico de Vladimir Maiakóvski. Patrícia Galvão, portanto, seria uma esteta antitética ao stalinismo. O *Proletkult* foi extinto nos primeiros anos da revolução pela tecnocracia bolchevique, enquanto Maiakovski suicidou-se em 1930, diante da derrota da utopia revolucionária que ele entre 1917-1920, como ninguém mais, foi capaz de imaginar e representar tão bem com a peça teatral *Mistério-Bufo* (Maiakóvski, 2012; Ripellino, 1971, p.

²² A resenha de João Ribeiro foi publicada no *Jornal do Brasil*, na edição de 26 de janeiro de 1933, com o título: “Mara Lobo: Parque Industrial”, está transcrita no livro de Campos (2014, p. 371-372).

²³ O movimento *Proletkult*, um acrônimo para Cultura Proletária, foi um importante movimento cultural iniciado na Rússia revolucionária de 1917, tendo o filósofo Alexander Bogdanov como uma de suas figuras proeminentes. A partir do *Proletkult*, foi atribuída uma relevância significativa ao cinema de Sergei Eisenstein, notavelmente em seu melhor filme, “A Greve” (1924). Para aprofundamento sobre o *Proletkult*, a atuação política de Alexander Bogdanov e os debates acerca da estética do realismo socialista, recomenda-se consultar Mattos (2010), Strada (1987) e Pinto (2018).

69-111), matou-se em desespero diante do capitalismo de Estado da burocracia stalinista que esmagava a revolução e o perseguia politicamente com censura aos seus trabalhos.

Outra possibilidade sugerida pelo livro como expressão estética da época é que cada capítulo, em sua descrição contundente e tonalidade vivamente expressionista, assemelha-se aos quadros-gravuras de Käthe Kollwitz – a renomada artista plástica alemã que nas primeiras décadas do século XX melhor expressou o sofrimento e a devastação física e psicológica dos trabalhadores (Simone, 2004). Mário Pedrosa, um destacado divulgador da obra de Kollwitz no Brasil e também amigo e companheiro de jornada política de Pagu nos círculos históricos do trotskismo brasileiro, escreveu um ensaio em quatro partes no jornal *O Homem Livre*, intitulado: "*As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz*" (Karepovs, 2017, p. 58)²⁴.

Além de marcar o experimentalismo estético-literário em seu livro, Pagu também oferece um contundente elogio histórico ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em sua liderança institucional e organização dos trabalhadores. A personagem Rosinha Lituana é a voz que celebra a defesa do partido comunista. No entanto, o PCB, dentro de suas limitações moralistas, sempre percebeu a atividade intelectual de Pagu com muitas ressalvas, rotulando-a como uma jovem "burguesa fútil doidivasas" (Armony, 2022, p. 26)²⁵.

Patrícia Galvão apresentou as trajetórias de algumas trabalhadoras e elaborou, a partir delas, um quadro literário impactante das condições sociais de produção do proletariado paulistano. "Na grande penitenciária social os teares se elevam e marcham esgoelando" (Lobo, 2006, p. 18). No livro encontramos personagens esmagadas, derrotadas existencialmente, seja pelas determinações institucionais do mundo do trabalho ou por gestos e escolhas vazias e pueris em relacionamentos amorosos trágicos e patéticos. É um livro magnífico, apesar de manter, em suas páginas, uma transfiguração ideológico-existencial

²⁴ No mês de junho de 1933, o Clube dos Artistas Modernos, em São Paulo, promoveu uma exposição que apresentou 80 obras de Käthe Kollwitz, incluindo gravuras, xilogravuras e esculturas. Este evento recebeu ampla atenção da imprensa. A conferência de abertura foi proferida por Mário Pedrosa e seu texto foi publicado em quatro partes, nos meses de julho e agosto, no jornal *Homem Livre*, um semanário paulistano antifascista, dedicado a combater o integralismo de Plínio Salgado. Geraldo Ferraz era o redator-chefe do jornal. Ferraz foi uma figura destacada do jornalismo brasileiro, entre as décadas de 1930 e 1970, que, como afirmamos, foi casado com Patrícia Galvão (Pagu), e também autor de um importante romance: *Doramundo*, publicado em 1957 (Ferraz, 1984). Seu trabalho literário foi reconhecido por autores como Sérgio Milliet e José Lins do Rego, que em sua última resenha, antes do falecimento, elogiou entusiasticamente o livro de Ferraz, considerando-o uma das grandes obras contemporâneas da literatura brasileira.

²⁵ Anos depois, já com uma trajetória pública consolidada como militante trotskista, Pagu foi oficialmente expulsa dos quadros do PCB. O partido justificou a expulsão por ela ser "conhecida pelas suas atitudes escandalosas de degenerada sexual" (Armony, 2022, p. 102).

incoerente e inverossímil de um personagem: Alfredo Rocha, inicialmente um *burguês de pantufas*, transformado em um operário²⁶.

Com o livro, Pagu expressava uma posição política de confronto aberto com as realidades burguesas de seu tempo. Sua prática literária endossa o que Raymond Williams reiterou sobre o compromisso político do engajamento intelectual: o de ser uma escolha de posicionamento ativo e consciente (Williams, 1979). Jean-Paul Sartre afirma que “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar”, melhor, sabe “que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (Sartre, 1999, p. 20). Contudo, o romance social e proletário de Pagu não é apenas um romance de classe, engajado nas lutas sociais dos trabalhadores, é também um manifesto feminista contundente. As principais personagens do livro são trabalhadoras cujas trajetórias enfrentam duras provações político-existenciais, diante das contingências do mundo do trabalho ou do âmbito familiar privado. As personagens de Pagu são marcas de sua trajetória política e de suas angústias existenciais. Assim, Pagu está integralmente presente em personagens como Rosinha Lituana, Corina e, especialmente, em Otávia.

O livro inicia-se com uma epígrafe, uma citação de trecho de Aristides do Amaral, Diretor de Estatística, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo onde são citados dados de um relatório de 1930 sobre a “estatística industrial de São Paulo”, indicando o declínio das cifras econômicas paulistas, provocado pela crise de 1929²⁷. Como contraponto ao trecho citado, escrito em termos insípidos por um burocrata, a autora, em palavras enfáticas, estabelece o tom do livro ao afirmar em uma “contra epígrafe” a sua perspectiva de classe: “A estatística e a história da camada humana que sustenta o parque industrial de São Paulo e fala a língua deste livro encontram-se, sob o regime capitalista, nas cadeias e nos cortiços, nos hospitais e nos necrotérios” (Lobo, 2006, p. 16).

²⁶ No Prefácio do livro, Geraldo Galvão Ferraz sugere a hipótese de que Alfredo Rocha seja um arquétipo literário de Oswald de Andrade (Ferraz, 2006). Ele também poderia representar Caio Prado Júnior, entre outros intelectuais da burguesia paulistana sensíveis à questão da exploração dos trabalhadores. A figura do “burguês de pantufas” é sugerida neste trecho do livro: “Alfredo Rocha lê Marx e fuma um Partagas no apartamento rico do hotel Central. Os pés achinelados machucam a pelúcia das almofadas” (Lobo, 2006, p. 55-56).

²⁷ Com o título “Da ‘Estatística Industrial do Estado de São Paulo’”, indicam-se valores brutos de um vigoroso crescimento industrial brasileiro, em função da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando, em 1928, o país atingia o “record” de mais de Dois Milhões e Quatrocentos Mil Contos de Réis, processo que, em 1930, já estaria interrompido pela crise de 1929 (Lobo, 2006, p. 15)

O livro foi escrito no final de 1932 e publicado em janeiro de 1933. São Paulo era a cidade industrial mais importante da América Latina e desde o início do Século XX era palco das principais manifestações grevistas de trabalhadores. Por exemplo, em agosto de 1931, os trabalhadores da indústria têxtil paulistana entraram em greve, “paralisando todas as grandes empresas do setor em busca de melhores salários, reconhecimento de seus sindicatos e proibição do trabalho infantil” (Koval, 1982, p. 263). Em 1932, após quase três meses da guerra civil fracassada promovida pela burguesia paulista contra o governo de Getúlio Vargas, inúmeras greves de trabalhadores ocorreram na cidade. Em uma delas, em setembro de 1932, centenas de trabalhadores e estudantes invadiram a penitenciária da cidade, libertando à força mais de dois mil presos políticos (Koval, 1982). O livro de Pagu foi lançado como um manifesto em defesa dos trabalhadores e, diante do contexto geral das publicações da época, é inquestionável que a literatura de Patrícia Galvão representava *o máximo de consciência possível*²⁸ dos trabalhadores em luta contra as condições de exploração impostas pela sociedade burguesa paulistana. As trajetórias de três personagens, Rosinha Lituana, Corina e Otávia, constituem as “consciências reais” centrais do livro e expressam o máximo de consciência possível de Pagu, no cenário da esquerda anticapitalista daquela época. Três personagens que registram práticas vividas por Pagu tanto politicamente como existencialmente ao longo de sua trajetória. Com o percurso das três trabalhadoras têm-se um quadro preciso de quem foi Pagu, nesse sentido, *Parque Industrial* é, de fato, para além de um romance, também um exame autobiográfico da autora.

Corina, a bela mulata, tem uma trajetória de permanente derrota existencial. Os primeiros capítulos do livro são dedicados à “queda” sócio existencial de Corina, a jovem ingênua que acredita num futuro com Arnaldo, por quem está apaixonada, um jovem burguês arrivista que lhe aparece ao final dos dias de trabalho, dirigindo seu carro para a levar para a sua *garçonnière* e a desfrutar sexualmente no “divã turco”. Corina engravida de Arnaldo. Corina trabalha no ateliê de moda de Madame Joaninha com mais cinco costureiras, entre elas, Otávia. Madame Joaninha como expressão de classe de uma burguesia pueril, além das saídas com seu amante na hora do almoço, é apresentada como uma capitalista pragmática

²⁸ Este é um conceito chave do pensador romeno-francês Lucien Goldmann. A “*consciência possível*” indica a posição de vanguarda do escritor, perante o seu grupo ou classe social. Isso implica que as possibilidades desse grupo/classe estão além do senso comum do pensamento imediato, empírico, portanto, indo além, como possibilidade concreta, da “consciência real” (Cf. Goldmann, 1973, p. 99-106; e Goldmann, 1972, p. 8-16).

que não hesita em explorar suas empregadas em horas extras que avançam noite adentro e que ao saber da gravidez de Corina e diante da recusa dessa em fazer o aborto, a demite sumariamente. Corina vive num cortiço no Brás com sua mãe e o padrasto, o gordo Florino, que espanca a mãe diariamente motivado pela sua embriaguez permanente. A gravidez imprevista leva-a à perda não só do emprego, mas também ao afastamento definitivo de Arnaldo e a expulsão da casa da mãe. A cena de Corina sentada num banco na rua do Viaduto do Chá (centro de São Paulo) aguardando a chegada de Arnaldo para lhe falar da gravidez e a reação dele jogando-lhe pela janela do carro uma nota de mil réis para um aborto e acelerando o carro para desaparecer definitivamente da sua vida, é um dos grandes momentos do livro.

Sem trabalho, sem a casa da mãe e agora sem o Arnaldo, Corina, está à mercê da sua sorte, da sua má sorte. Perambula pelas ruas da cidade acabando dias depois por ocupar um dos vinte e cinco quartos de um bordel trabalhando como prostituta. Não faz o aborto e segue no bordel até ao fim da gestação quando vai para uma “casa de parir”.

A cena do parto:

“Lá no fundo das pernas um buraco enorme se avoluma descomunalmente. Se rasga, negro. Aumenta. Como uma goela. Para vomitar de repente, uma coisa viva, vermelha. A enfermeira recua. A parteira recua. O médico permanece. Um levantamento de sobancelhas denuncia a surpresa. Examina a massa ensanguentada que grita sujando a colcha. É um monstro. Sem pele. E está vivo! – Esta mulher está podre” (Lobo, 2006, p. 65).

Na sequência da descrição, Corina está na prisão. As prisioneiras que dividem a cela com ela, perguntam-lhe: “Por que você veio? – Matei o meu filho” (Lobo, 2006, p. 67).

Fora da prisão, Corina tentou, mas não conseguiu arranjar um novo emprego, agora, “quando tem fome abre as pernas para os machos” (Lobo, 2006, p. 118). O livro encerra-se com Corina encontrando-se com Pepe num boteco. “Puxa, Corina! Você está esculhambada” (Lobo, 2006, p. 121). Logo depois, Corina está na cama com esse “desgraçado social” que como ela também vivia à “margem das combinações capitalistas” (Lobo, 2006, p. 122).

Pepe, que trabalhava numa camisaria na rua Direita, centro da cidade de São Paulo, é um personagem importante no livro por se conectar aos destinos das três personagens que estamos a destacar. Apaixonado por Otávia, que trabalhava com Corina como costureira no ateliê de Joanhina, nada consegue com ela. O ponto chave da recusa dá-se com a negativa dela a um convite que ele lhe fez para passarem juntos uma tarde de Carnaval. Otávia recusou

o convite. Pepe, sozinho e bêbado, acabou por ser sequestrado e estuprado por alguns rapazes da “alta sociedade” que gostavam de se divertir com as carnes proletárias no bairro do Brás, Zona Leste da cidade de São Paulo. A recusa ao convite de Pepe deu-se porque Otávia preparava em casa, junto com Rosinha Lituana, panfletos para uma atividade sindical, uma atividade de greve na tecelagem onde trabalhava Rosinha – a *Tecelagem Ítalo-Brasileira*. A manifestação pela greve tem repressão violenta da polícia. Pepe denunciou Rosinha à polícia por suas atividades como militante grevista na tentativa de obter o prêmio que as autoridades policiais pagavam pela denúncia de atividades subversivas. Com o dinheiro, Pepe queria comprar um presente para Otávia, que, no entanto, continuará a recusá-lo. Por causa da denúncia de Pepe, Rosinha foi presa e deportada. De origem lituana veio para o Brasil com os pais para trabalhar numa fazenda de café. A família fugiu da fazenda, mas o pai foi preso e deportado, a mãe morreu quando ela estava com doze anos e desde então vinha trabalhando em fábricas de tecidos. Rosinha, uma cidadã do mundo, por causa da denúncia enciumada de Pepe, agora também era deportada. E para onde seria deportada? “Que importa”, diz ela, “se em todos os países no mundo capitalista há um Brás... Brás do Brasil. Brás de todo o mundo” (Lobo, 2006, p. 95).

Rosinha é o arquétipo da trabalhadora sindicalizada e militante do Partido Comunista Brasileiro, sua trajetória é similar à de muitas militantes comunistas daquela conjuntura e, obviamente, uma expressão da própria trajetória de Pagu como militante comunista. Por causa da greve, Otávia também foi presa por seis meses, degredada numa colônia de presos políticos (em Dois Rios, um presídio localizado em Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ).

Otávia ao retornar da prisão vê-se sem emprego, mas depara-se com uma inusitada situação. Um personagem de nome Alfredo Rocha, um burguês intelectualizado que se casou com Eleonora (conhecida de Otávia) que, cansado da sua condição existencial burguesa, abandona a sua posição de classe e se torna um trabalhador (talvez numa siderúrgica²⁹, no livro a descrição é imprecisa quanto a isso), um “ex-burguês” que passa a viver em meio ao proletariado do subúrbio. O “transformismo” de classe de Alfredo é o fato literário menos

²⁹ Pagu assim descreve o trabalho proletário de Alfredo Rocha: “O fogo vermelho lhe ensopa o corpo de suor laborioso e feliz. Finalmente é um proletário. Deixou para sempre a imundice moral da burguesia” (Lobo, 2006, p. 107). Quando Otávia reencontra-se com Alfredo Rocha no Brás – ela o tinha conhecido quando fez uma entrega de vestido encomendado ao ateliê de Madame Joaninha por Eleonora, então esposa de Alfredo – ele assim se justificou: “Deixei duas vacas... a burguesia e Eleonora” (Lobo, 2006, p. 99).

crível na lógica do realismo que o livro apresenta. Nenhum burguês, mesmo os que se filiaram ao PCB, deixou de usar as suas pantufas em casa. O burguês de pantufas é um quadro poderoso de descrição de uma condição burguesa caricatural no livro. Alfredo é plenamente consciente das contradições de classe que experimenta como um burguês. Antes de se fazer um proletário pouco crível literariamente, morava num hotel de luxo, lendo Marx no sofá, de pantufas e sempre solicitando à sua empregada, a chinesinha Ming, que o saciasse com sexo oral em meio a goles de chá. Esse mesmo personagem termina o livro como um operário ao lado de Otávia em meio às suas lutas como sindicalista e militante comunista. Alfredo Rocha é uma letal caricatura de classe, uma ironia de grande sofisticação de Pagu com o universo de leitores que a conjuntura da publicação do livro recebeu, mas, literariamente, acaba por ser o personagem menos coerente, o mais inverossímil dos personagens do livro empobrecendo significativamente o realismo literário da autora. Alfredo Rocha é uma síntese das perspectivas entusiasmadas de Pagu com as circunstâncias políticas do país e do mundo. Em trecho do livro, seu entusiasmo panfletário evidencia-se em termos como estes:

A burguesia perdeu o próprio sentido. O proletariado marxista, através de todos os perigos, achou o seu caminho e nele se fortifica para o assalto final. Enquanto as fêmeas da burguesia descem de Higienópolis e dos bairros ricos para a farra das *garçonnières* e dos *clubs*, a criadagem humilhada, de touquinha e avental, conspira nas cozinhas e nos quintais dos palacetes. A massa explorada cansou e quer um mundo melhor! (Lobo, 2006, p. 106).

Otávia, após os meses de prisão, no seu retorno ao Brás acabou por se envolver amorosamente com Alfredo, esse “homem novo” do mundo do trabalho. Se Alfredo Rocha poderia ser o arquétipo literário de Oswald de Andrade, é fato que Otávia-Rosinha-Corina são uma homologia sociológico-literária de Patrícia Galvão.

O livro tem ao seu final uma cena clímax: uma manifestação de trabalhadores em defesa de uma greve ocorrida no Largo da Concórdia. Otávia e Alfredo, o casal marxista-proletário estava nessa manifestação e pode assistir a extrema violência da polícia reprimindo os trabalhadores. A repressão policial matou a tiros Alexandre, um operário negro que era pai de “Marcos” e “Enguis”, dois garotos que seguirão órfãos pela vida. Pagu ao dar vida e morte a Alexandre homenageava o seu grande amigo, Herculano de Souza, o militante comunista que conhecera em Santos, que como já aqui descrevemos, ao ser baleado nas costas pela polícia, morreu em seus braços durante uma manifestação de trabalhadores.

As memórias de Pagu fazem do realismo literário de *Parque Industrial* uma crônica da revolução brasileira com a qual esteve envolvida a sua vida inteira como militante pecebista, como militante trotsquista e depois como militante comunista dissidente. A trajetória política e existencial de Patrícia Galvão está descrita como quadro único em todas as faces e vozes dos personagens do livro, especialmente nas trajetórias de Corina, Rosinha Lituana e Otávia. Pagu é um clássico da literatura brasileira e sua trajetória político-intelectual tem que ser permanentemente resgatada, lida e discutida pelas novas gerações de historiadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMONY, Adriana. *Pagu no metrô*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas: CMU / Unicamp, 2007.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. Entrevista com Antônio Cândido. *Praga: Revista de Estudos Marxistas*, nº 01, p. 5-24, jul. 1997. Boitempo Editorial.

COSTA, Márcia. *De Pagu a Patrícia: o último ato*. São Paulo: Dobra Editorial, 2012.

DEL PRIORI, Mary. *Tarsila: uma vida doce-amarga*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2022.

FERRAZ, Geraldo. *Doramundo: romance*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1984.

FERRAZ, Geraldo. *Depois de tudo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Apresentação. In: LOBO, Mara (Patrícia Galvão). *Parque industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006, p. 07-12.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Introdução: a *Pulp Fiction* de Patrícia Galvão. In: GALVÃO, Patrícia (King Shelter). *Safra macabra: contos policiais*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998, p. 03-15.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira; FERRAZ, Geraldo Galvão. *Viva Pagu: fotobiografia de Patrícia Galvão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Santos, SP: Editora da UNISANTA, 2010.

GALVÃO, Patrícia. *Pagu: autobiografia precoce*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GALVÃO, Patrícia (King Shelter). *Safra macabra: contos policiais*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

GALVÃO, Patrícia. *Industrial Park: a proletarian novel*. University of Nebraska Press, 1993.

GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GOLDMANN, Lucien. *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural na sociedade moderna*. São Paulo: Difel, 1972.

GUEDES, Thelma. *Pagu: literatura e revolução*. Um estudo sobre o romance *Parque Industrial*. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo* (Volume 9). O marxismo na época da terceira internacional: problemas de cultura e ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JACKSON, Kenneth David. Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 376-381.

JACKSON, Kenneth David. Uma evolução subterrânea: o jornalismo de Patrícia Galvão. *Revista IEB*, n. 53, Instituto de Estudos Brasileiros, USP, p. 31-52, março-setembro 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34683/37421>.

JORNAL, O. Destruída importante célula do Partido Operário Leninista. *O JORNAL*. Rio de Janeiro, p. 6-6. 23 abr. 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=Patr%c3%adcia%20Galv%c3%a3o%20Pagu&pagfis=44474. Acesso em: 16 maio 2023.

KAREPOVS, Dainis. *Pas de politique Mariô!* Mario Pedrosa e a política. Cotia: Ateliê Editorial / São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro (1857 a 1967)*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982.

LOBO, Mara (Patrícia Galvão). *Parque industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. *Mistério-Bufo*. São Paulo: Editora 34, 2012.

MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). *Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Rio de Janeiro: Bom Texto / FAPERJ, 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró. Literatura Militante entre o modernismo e o realismo socialista: o *Parque Industrial* de Patrícia Galvão. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org.). *Livros Vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil* Rio de Janeiro: Bom texto e FAPERJ, p. 67-89, 2010.

PINTO, Tales dos Santos. *Revolução, política e cultura em Alexander Bogdanov*. Goiânia: Edições Gárgula e Gráfica da UFG, 2018.

RIBEIRO JÚNIOR, João Carlos. Influxos Políticos em *Parque Industrial*: a forma literária da dissidência. *Revista Magma*, USP, v. 25, n. 14, p. 85-104, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/magma/article/view/154406/150832>

RIPELLINO, Ângelo Maria. *Maiakóvskie e o teatro de vanguarda*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

ROCHA, Everardo; LANA, Lígia. Imagens de Pagu: trajetória midiática e construção de um mito. *Cadernos Pagu*, n. 54, UNICAMP, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cjfBxB4njyLTZHKKzBxsS8C/?lang=pt>.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* São Paulo: Ática, 1999.

SIMONE, Eliana de Sá Porto de. *Käthe Kollwitz*. São Paulo: Editora da USP, 2004.

STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBSEBAWM, Eric (Org.). *História do marxismo* (Volume 9). O marxismo na época da terceira internacional: problemas de cultura e ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 109-150, 1987(a).

STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zhdanovismo. In: HOBSEBAWM, Eric (Org.). *História do marxismo* (Volume 9). O marxismo na época da terceira internacional: problemas de cultura e ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 151-219, 1987 (b).

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.